

Interseccionalidades no discurso de mulheres empreendedoras: contribuições à luz da teoria feminista decolonial

Gabriele Ferreira da Silva, Ana Sílvia Rocha Ipiranga e Fabiana Pinto de Almeida Bizarria

RESUMO

Este estudo analisa os discursos de mulheres empreendedoras, a partir das lentes da teoria feminista decolonial e da interseccionalidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em um estudo de caso da comunidade WoMakersCode, composta por mulheres atuantes em áreas STEM. Os dados foram construídos por meio de entrevistas em profundidade e analisados com base na Análise do Discurso Crítica. Os resultados evidenciam como os discursos das entrevistadas expressam, simultaneamente, estratégias de resistência e processos de naturalização de desigualdades de gênero, raça e classe em contextos organizacionais marcados pela masculinização. A análise também problematiza o empreendedorismo enquanto prática frequentemente associada à sobrevivência, revelando seus limites como estratégia de emancipação em contextos periféricos. O estudo destaca a relevância das redes de apoio entre mulheres e dos movimentos feministas como espaços de articulação coletiva, ao mesmo tempo em que aponta caminhos para pesquisas futuras no campo dos estudos organizacionais críticos.

Palavras-Chave: empreendedorismo feminino; interseccionalidades; análise do discurso crítica.

Intersectionalities in the discourse of women entrepreneurs: contributions in the light of decolonial feminist theory

ABSTRACT

This study analyzes the discourses of women entrepreneurs through the lenses of decolonial feminist theory and intersectionality. It is a qualitative study based on a case study of the WoMakersCode community, composed of women working in STEM fields. Data were generated through in-depth interviews and analyzed using Critical Discourse Analysis. The findings show how the interviewees' discourses simultaneously express strategies of resistance and processes of naturalization of gender, race, and class inequalities in organizational contexts marked by masculinization. The analysis also problematizes entrepreneurship as a practice often associated with survival, revealing its limits as an emancipatory strategy in peripheral contexts. The study highlights the relevance of women's support networks and feminist movements as spaces for collective articulation, while also pointing to directions for future research in the field of critical organizational studies.

Keywords: women's entrepreneurship; intersectionality; critical discourse analysis.

Recebido em: 31/03/2025

Revisado em: 30/10/2025

Aprovado em: 17/02/2026



Gabriele Ferreira da Silva ,

Universidade Estadual do Ceará, Brasil.
Doutoranda em Administração,
Universidade Estadual do Ceará, Brasil.

gabriele.4@gmail.com

Ana Sílvia Rocha Ipiranga ,

Universidade Estadual do Ceará, Brasil.
Doutora em Psicologia do Trabalho e
da Organização.

silvia.ipiranga@uece.br

Fabiana Pinto de Almeida Bizarria ,

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais, Brasil.
Doutora em Administração,
Universidade de Fortaleza, Brasil

fabianabizarria@pucminas.br

Introdução

O empreendedorismo feminino tem sido discursivamente mobilizado como estratégia de inclusão econômica, crescimento social e empoderamento das mulheres, especialmente em economias em desenvolvimento. Relatórios nacionais e internacionais indicam o crescimento da participação feminina nas atividades empreendedoras, ao mesmo tempo em que evidenciam taxas mais elevadas de encerramento de negócios liderados por mulheres, desigualdades no acesso a recursos e persistentes assimetrias de reconhecimento e remuneração (GEM, 2021; GEM, 2024; IBGE, 2020; Sebrae, 2021). Em contextos organizacionais marcados por forte masculinização, como as áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), tais desigualdades tendem a se intensificar, produzindo experiências atravessadas por relações históricas de poder, exclusão e silenciamento (Alperstedt et al., 2014; Hryniewicz & Vianna, 2018; Battirola et al., 2022).

Apesar do avanço das pesquisas sobre empreendedorismo feminino, grande parte da literatura ainda aborda o fenômeno de maneira normativa ou descritiva, tratando o empreendedorismo como alternativa neutra de autonomia, realização e superação individual (Rodrigues et al., 2021; Teixeira et al., 2021). Ao naturalizar o empreendedorismo como solução para desigualdades estruturais, essas abordagens tendem a obscurecer processos de precarização do trabalho, assim como as articulações entre gênero, raça e classe que sustentam hierarquias no campo organizacional (Fabricio & Vizeu, 2024; Zanata et al., 2025). Permanecem pouco exploradas, sobretudo, análises que investiguem como os discursos empreendedores são produzidos, reproduzidos e legitimados, sobretudo a partir de perspectivas interseccionais e feministas decoloniais, ainda raramente mobilizadas de forma analítica nos Estudos Organizacionais (Lugones, 2014; Espinosa-Miñoso, 2014; Abdalla & Faria, 2017; Ferretti & Souza, 2022).

Neste artigo, analisamos os discursos de mulheres empreendedoras que atuam em áreas STEM a partir da teoria feminista decolonial e da interseccionalidade, utilizando a Análise do Discurso Crítica como abordagem teórico-metodológica¹. Com base em um estudo de caso da comunidade *WoMakersCode*, o estudo evidencia como esses discursos revelam, ao mesmo tempo, formas de resistência e processos de naturalização de desigualdades de gênero, raça e classe, sem tratar o empreendedorismo como uma solução emancipatória em si. A contribuição do artigo está em problematizar o empreendedorismo enquanto categoria moderna e colonial, em evidenciar como relações de poder atravessam as narrativas das empreendedoras e em ampliar o diálogo entre feminismo decolonial, interseccionalidade e estudos organizacionais.

Diferentemente de estudos que tratam o empreendedorismo feminino como uma resposta individual às desigualdades ou como uma prática naturalmente emancipatória (OIT, 2021; Gupta, 2021; Rodrigues et al., 2021), este artigo adota uma leitura crítica do empreendedorismo.

1 Agradecemos aos avaliadores pelas valiosas sugestões e comentários, que contribuíram para o aprimoramento teórico, metodológico e analítico deste artigo.

Aqui, o empreendedorismo é compreendido como um discurso social e organizacional, atravessado por relações de poder e por desigualdades historicamente construídas (Rosa et al., 2012; Mafra, 2021). Ao articular a análise do discurso com a teoria feminista decolonial e a interseccionalidade (Lugones, 2014; Espinosa-Miñoso, 2014; Crenshaw, 2002), o estudo desloca o olhar das trajetórias individuais das mulheres para as condições sociais e organizacionais que produzem e mantêm situações de subalternidade (Abdalla & Faria, 2017; Ferretti & Souza, 2022).

Após a introdução, o artigo apresenta o referencial teórico que sustenta a análise sobre feminismo decolonial, interseccionalidade e empreendedorismo. Na sequência, são descritos os procedimentos metodológicos da pesquisa. Em seguida, são apresentados e discutidos os dados empíricos. O artigo se encerra com as conclusões e sugestões para estudos futuros.

■ Quadro teórico

Teoria feminista decolonial e a abordagem da interseccionalidade

Os estudos voltados à perspectiva de gênero avançaram no início da década de 1970, evidenciando que as correntes teóricas não conseguiam explicar algumas questões sensíveis relacionadas à opressão vivenciada pelas mulheres (Garcia, 2018; Santos et al., 2021; Calás & Smircich, 1999; Tong, 1998). Nesse sentido, as teorias feministas, no contexto das ciências sociais, abriram novos direcionamentos que esquematizaram a história do feminismo em quatro “ondas” (Garcia, 2018). A primeira onda da teoria feminista foi desenvolvida no final do século XIX e teve como enfoque principal a reivindicação pela liberdade de direitos políticos (Pedro, 2005; Rampton, 2015); a segunda onda delimitou seus empenhos na busca pela liberdade econômica e de pensamento da mulher (Pedro, 2005; Garcia, 2018); a terceira onda foi marcada por evidenciar lacunas deixadas pela anterior, como o reconhecimento da diversidade no gênero feminino (Silva, 2019), e por fim, a quarta onda surgiu em conjunto com o advento da tecnologia, reconhecendo a Internet como uma ferramenta essencial, e, diante disso, o feminismo também ganhou um espaço no mundo virtual (Silva, 2019).

Por outro lado, estas problematizações do papel da mulher e do “ser mulher” na sociedade colocaram em pauta os sujeitos, sejam da cultura, sociais, históricos ou políticos, enfatizando as questões do “gênero” como categoria de análise a partir de uma virada decolonial (Lugones, 2014; Espinosa-Miñoso, 2014; Cerchiaro et al., 2009). Nesse contexto, a concepção decolonial enfatiza dois pontos, um deles relacionado a questão da colonização, compreendida como um fator de determinação social, e o segundo que reflete a colonialidade de maneira impositiva, política e epistemológica (Dimenstein et al., 2020).

Nessa perspectiva, Quijano (2005) aponta que a colonialidade do poder ultrapassa o período colonial, permanecendo presente nas relações sociais

e políticas, assim como na produção do conhecimento, marcada por uma visão eurocêntrica. Esses novos olhares apontaram para uma visibilidade em direção aos povos periféricos, inclusive na América Latina, ao situar o gênero em um cenário de questionamento aos feminismos universais (Dimenstein et al., 2020).

Nesse sentido e em contraponto à epistemologia feminista clássica, o feminismo decolonial propõe uma nova visão da história com um apelo crítico, na qual as dimensões “raça”, “classe”, “gênero” e “sexualidade” propiciam reflexões inter-relacionadas (Espinosa-Miñoso, 2014). Estas questões são enfatizadas no debate da interseccionalidade (Crenshaw, 2002), inclusive no contexto do empreendedorismo praticado por mulheres (Ribeiro & Ipiranga, 2019). Ao abordarmos a colonialidade de gênero e suas interseccionalidades, se considera que estas discussões possibilitaram maneiras de pensar diferenciadas em relação às questões colocadas como hegemônicas (Lugones, 2014). Os estudos decoloniais e suas relações com as perspectivas feministas promoveram um leque de discussões, como a crítica feminista para além das relações desiguais entre os gêneros, problematizando o contexto histórico, político e cultural (Paiva, 1997). Coloca-se ainda as discussões sobre as tensões entre o feminismo ocidental e o pós-colonial, ao considerarmos os impasses relacionados as segmentações no movimento feminista (Espinosa-Miñoso, 2014).

A partir dessas considerações, ressalta-se o que ficou definido como a “mulher do terceiro mundo”, sobretudo, pela produção ocidental, na qual se configuraram os conceitos “mulher” e “mulheres, a primeira no sentido de uma construção através do discurso, e a segunda, aos sujeitos reais (Lugones, 2014). Entretanto, como uma crítica, é considerável que uma análise pós-colonial feminista viabilize a desconstrução dessa noção constituída com base na cultura ocidental, a qual exclui as diferentes características das mulheres, bem como, invisibiliza as situações de opressão vivenciadas pelas mesmas (Espinosa-Miñoso, 2014).

No debate sobre gênero, destaca-se a análise do lugar ocupado pelas mulheres no mundo do trabalho e nas organizações, incluindo as formas pelas quais o empreendedorismo tem sido construído e mobilizado como alternativa de inserção laboral (Teixeira et al., 2021). Nesse sentido, o empreendedorismo não é tomado aqui como expressão automática de protagonismo feminino, mas como um campo de disputas simbólicas e materiais, atravessado por desigualdades de gênero, raça e classe. A partir dessa compreensão, este estudo busca ampliar a discussão sob uma perspectiva feminista decolonial, incorporando a ótica interseccional para problematizar as experiências e os discursos de mulheres empreendedoras (Collins, 2014; Romero & Valdez, 2016; Kyrillos, 2020; Almeida et al., 2021; Ferretti & Souza, 2022; Veiga et al., 2024; Ribeiro et al., 2024).

Empreendedorismo feminino e suas interseccionalidades

A dimensão laboral das mulheres também envolve espaços de debate sobre gênero, incluindo o empreendedorismo, que tem sido apresentado e mobilizado como possibilidade de trabalho e geração de renda, especialmente

entre mulheres que acumulam múltiplos papéis sociais (Rodrigues et al., 2021; Bernardino-Costa et al., 2019). No entanto, essa inserção ocorre em contextos marcados por desigualdades estruturais, o que exige uma análise crítica sobre os limites e as contradições do empreendedorismo enquanto alternativa de inserção laboral (Ferraz, 2021; Fabricio & Vizeu, 2024; Sá Sousa et al., 2025). Desta forma, a busca pelo empreendedorismo suscita análise sobre a demanda do trabalho formal, com carga horária que pode desafiar o exercício das demandas sociais atribuídas à mulher, como as atividades domésticas e cuidados familiares (Winn, 2005; Sebrae, 2021; Dias et al., 2024).

Ao passo que as mulheres ganharam espaço profissional (Sousa & Gomes, 2024), foram se tornando foco de interesses por suas características e atitudes no campo do trabalho (Sousa & Gomes, 2024). As mulheres que optaram por assumir seus próprios negócios enfrentam barreiras, algumas dessas simbólicas (Mafra, 2021; British Council, 2021), compreendidas a partir dos limites conferidos às mulheres que conseguem ascender profissionalmente (Hryniewicz & Vianna, 2018).

Diante da escassez de oportunidades de trabalho em contextos de vulnerabilidade, o empreendedorismo costuma ser apresentado como alternativa de geração de renda. A partir desse entendimento, o empreendedorismo feminino é associado à ideia de resistência e de ocupação de espaços, o que exige uma análise crítica sobre os sentidos atribuídos a essa prática e seus efeitos nas experiências das mulheres (Silva, 2023; Ribeiro & Ipiranga, 2019).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2021), o empreendedorismo feminino tem sido associado à redução das desigualdades econômicas na América Latina e no Caribe. Essa associação, contudo, ocorre em contextos marcados por profundas desigualdades econômicas e sociais entre países e por condições desiguais de inserção das mulheres no mercado de trabalho (Bruschini, 1994; Santos, 2000; Rodrigues et al., 2022).

Com a inserção no mercado de trabalho, muitas vezes, em funções socialmente designadas para homens, mulheres enfrentam desafios relacionados tanto às questões de subalternidades, como as interseccionais (Ferretti & Souza, 2022), ao serem descredibilizadas (Alperstedt et al., 2014; Hryniewicz & Vianna, 2018) e ou colocadas em um *status* limitante (Bruschini, 1994). Nessa linha, estudos vem sendo desenvolvidos no sentido de contribuir para o debate decolonial na perspectiva de mulheres empreendedoras, como se observa a partir das pesquisas de Barreto et al. (2022) que abordaram o contexto empreendedor e suas diferenças para homens e mulheres; Balog e Zouain (2022). enfatizaram os desafios para a mulher negra no meio empreendedor e a busca por redes de apoio (Gupta, 2021); Nogueira e Paiva (2020) trataram do significado da literatura feminista ante ao processo de formação do administrador, e Ferrara e Carrizo (2021) que indicaram um novo horizonte para o feminismo e a discussão de gênero a partir da colonialidade.

Para Crenshaw (2002 p. 177) a ideia de interseccionalidade situa “os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe”, constituindo diferentes “avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e

políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. (...) Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias". Para Hirata (2014) e Collins (2014), o conceito de interseccionalidade se apropria de uma diversidade de identidades, sem haver pretensão de teorizar sobre uma identidade universalizada. Os desafios vivenciados por mulheres empreendedoras diferem conforme os eixos interseccionais que atravessam suas experiências. Mulheres negras e mulheres de povos originários, por exemplo, enfrentam formas mais intensas de discriminação cultural, econômica e racial, o que impacta diretamente suas condições de inserção no empreendedorismo (Balog & Zouain, 2022; Veiga et al., 2024).

Na visão de Almeida et al. (2021) e de Ribeiro e Ipiranga (2019), o contexto ainda se diferencia quando envolve mulheres empreendedoras que realizam suas atividades em espaços periféricos, sejam de países, regiões ou cidades, pois vivenciam situações com dificuldades adversas de extrema vulnerabilidade. Essas mulheres, historicamente oprimidas por meio de diferentes processos coloniais, terminam por se distanciar de suas raízes como uma maneira de aproximar-se a um padrão social hegemônico (Balog & Zouain, 2022). Portanto, a articulação de uma abordagem interseccional é relevante ao ampliar essas compreensões (Romero & Valdez, 2016).

Desta forma, questões relacionadas à interseccionalidade tornam-se inerentes ao empreendedorismo feminino, tendo em vista a existência desses confrontos e realidades com diferenças acentuadas (Almeida et al., 2021; Ribeiro et al., 2024). Ferretti e Souza (2022, p. 26) ainda colocam que, além da questão da identidade de gênero e "para além da compreensão do empreendedorismo como um processo, um verbo, ação", sugere-se considerar os aspectos interseccionais na compreensão desta prática. Nessa linha, o presente estudo também enfatiza a importância do desenvolvimento de pesquisas que articulem as perspectivas da interseccionalidade e do empreendedorismo feminino com o intuito de aprofundar essa discussão, rompendo com moldes e visões tradicionais.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa de natureza qualitativa (Denzin & Lincoln, 2011; Godoi et al., 2017), seguiu a estratégia do estudo de caso (Flyvbjerg, 2011). Os dados foram construídos com base na realização de entrevista aberta e em profundidade (Olesen, 2011). O caso escolhido envolveu empreendedoras atuantes em grupos de apoio e fomento ao empreendedorismo feminino, sobretudo nas áreas inseridas no denominado STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*).

O termo STEM, introduzido na década de 1990 pelo *National Science Foundation* (Sanders, 2009), é principalmente voltado aos homens, evidenciando questões de gênero que influenciam as escolhas profissionais das mulheres devido a padrões sociais (Battirola et al., 2022). A pesquisa selecionou a *WoMakersCode*, comunidade parceira do pacto global da ONU no Brasil, que promove o protagonismo feminino em STEM, pautada

na sororidade, representatividade e conteúdos voltados para tecnologia, engenharia e programação (WoMakersCode, 2023).

Considerando critérios relativos à saturação teórica foram selecionadas um grupo de mulheres participantes do Grupo STEM para as entrevistas no formato aberto e em profundidade (Olesen, 2011) (Quadro 1). Através de busca realizada a partir da comunidade *WoMakersCode*, foram realizadas interações com 32 iniciativas de mulheres de grupos STEM e 40 mulheres atuantes na área STEM. A seguir, as mulheres entrevistadas serão identificadas por nomes fictícios, de modo a preservar o anonimato e individualizá-las.

Quadro 1. Identificação das mulheres empreendedoras do estudo

Nome	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Filhos	Região	Tempo como empreendedora	Raça/Etnia
Ana	34	Pós-Graduada	União estável	2	Sudeste	Desde 2015	Branca
Beatriz	19	Graduanda	Solteira	0	Centro-Oeste	Desde 2020	Negra
Camila	35	Pós-Graduada	União estável	0	Sudeste	Desde 2017	Branca
Débora	41	Pós-Graduada	Casada	2	Sudeste	Desde 2011	Branca
Evelyn	36	Graduada	Casada	1	Sudeste	Desde 2010	Negra/Indígena
Fernanda	42	Graduada	Divorciada	0	Nordeste	Desde 2008	Negra
Gessica	25	Graduanda	Solteira	0	Sudeste	Desde 2021	Branca
Helena	37	Pós-Graduada	Solteira	0	Nordeste	Desde 2020	Branca
Ingrid	35	Pós-Graduada	Solteira	0	Sudeste	Desde 2019	Branca
Jamile	26	Pós-Graduada	Casada	0	Sudeste	Desde 2021	Negra

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Para fins de análise dos resultados, utilizou-se a Análise do Discurso Crítica (ADC), compreendida como uma abordagem teórico-metodológica que analisa as relações entre as semioses e os componentes das práticas sociais (Fairclough, 2013). Nessa perspectiva, o discurso é entendido como prática social, indissociável das relações de poder, ideologia e hegemonia que atravessam a vida social, assim, a ADC permite compreender como determinados sentidos são produzidos, legitimados e naturalizados nos discursos, bem como como esses sentidos podem ser tensionados e transformados (Fairclough, 2019).

A Análise do Discurso Crítica configura-se como uma forma de análise social crítica, na medida em que inter-relaciona discurso e prática social como aspectos constitutivos da vida social. Conforme Fairclough e Fairclough (2013), essa abordagem articula os momentos de crítica, explicação e ação, ao evidenciar como sujeitos e grupos sociais podem ser prejudicados em suas experiências sociais e de que modo essas condições podem ser questionadas e alteradas. Nesse sentido, a análise não se restringe ao conteúdo das falas, mas considera também os conflitos, silenciamentos e hierarquias presentes nos discursos (Fairclough & Fairclough, 2018).

Quadro 2. Indicação das etapas realizadas desde a formulação do problema até a análise dos resultados

Etapas	Título	Descrição
Etapas 1	Identificação de um problema social	Mulheres em busca de sua emancipação no campo empreendedor
Etapas 2	Identificação dos obstáculos para que esse problema seja resolvido	Campo socialmente designado para o homem e as diferenças entre gêneros, além dos aspectos interseccionais
Etapas 3	Realização e transcrição das entrevistas	Realização de entrevistas com 10 mulheres empreendedoras no campo STEM entre os meses de novembro e dezembro de 2022.
Etapas 4	Identificação dos pontos de conflitos nas falas das mulheres	Após leitura das transcrições e escuta ativa das gravações das entrevistas, foram selecionados alguns pontos de conflitos nas falas das mulheres.
Etapas 5	Reflexão crítica sobre a análise	Escrita das análises que abordaram falas e conflitos relacionados a poder, hierarquia, sociedade, prática empreendedora e a visão das mulheres sobre aspectos interseccionais, políticos e econômicos.
Etapas 6	Identificar maneiras possíveis para superar os obstáculos	Escrita de possíveis soluções sobre as práticas empreendedoras que possam levar a um cenário de proximidade com a emancipação.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

No presente estudo, a ADC é adotada principalmente a partir da perspectiva proposta por Fairclough, cuja ênfase recai sobre a relação dialética entre discurso e práticas sociais, bem como sobre o potencial crítico da análise discursiva frente a problemas sociais. O diálogo com as contribuições de Van Dijk (2015) ocorre de forma complementar, especialmente no que se refere à compreensão do discurso como elemento central na reprodução de relações de dominação e abuso de poder. Essa opção metodológica se justifica pela adequação da abordagem ao objetivo da pesquisa, que busca analisar discursos relacionados ao empreendedorismo feminino em contextos marcados por desigualdades de gênero, raça e classe.

■ Apresentação e análise dos dados

O perfil interseccional das mulheres empreendedoras no caso STEM \ *WoMakersCode*

O caso de estudo (Olesen, 2011) escolhido para essa pesquisa foi a comunidade feminina *WomakersCode*, uma iniciativa voltada para as mulheres inseridas nas áreas STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*). Ressalta-se ainda que são áreas com predomínio masculino e propensão a situações de hostilidade (Battirola et al., 2022).

Essas iniciativas buscam a união feminina ante aos seus propósitos (Nogueira & Paiva, 2020). Contudo, algumas mulheres se deparam com mercados engessados e/ou ocupados em grande maioria por homens. A comunidade *WoMakersCode* realiza em sua plataforma mais de 700 atividades, entre elas, cursos, palestras e mentorias, além disso, suas formações podem alcançar cerca de 250 mil mulheres. Além da preocupação em atender uma diversidade de mulheres, e propiciar conhecimentos,

sobretudo, imersos no mundo da tecnologia, a comunidade também possui uma parceria com o pacto global da ONU no Brasil.

De acordo com pesquisa realizada pela *British Council* (2021), 75% dos trabalhos estarão relacionados à área STEM, o que não corresponde à realidade para as mulheres, já que sua presença é limitada nos cursos superiores do campo STEM, dado os estereótipos impostos pela sociedade.

Através da busca realizada a partir da comunidade *WoMakersCode*, foram iniciadas interações com 32 iniciativas e 40 mulheres. Após contato e aceite das entrevistadas, foram realizadas 10 (dez) entrevistas com mulheres empreendedoras, o que gerou 134 páginas advindas do processo de transcrição, para a concretização do processo de análise. Conforme visualizado na tabela 1, grande parte das mulheres está localizada no sudeste do país, sobretudo no estado de São Paulo, além disso, percebe-se que a presença de empreendedoras nordestinas é menor, enquanto nortistas não apareceram na pesquisa.

Ademais, todas as mulheres entrevistadas estão conectadas ou já fizeram parte de um ambiente universitário, como em graduações nas áreas STEM, em seguida de cursos de mestrado e doutorado. Já o tempo de atuação em suas empresas é diversificado, desde iniciantes à empreendedoras mais maduras em relação à gestão.

Interseccionalidades e o empreendedorismo feminino decolonial no caso STEM \ *WoMakersCode*

Esta seção trata da análise de práticas de um empreendedorismo feminino decolonial, enfatizando seus aspectos interseccionais (Bernardino-Costa et al., 2019; Veiga et al., 2024). Colocam-se em questão as narrativas que posicionam o empreendedorismo como possibilidade de reconhecimento para as mulheres, ao evidenciar que essas trajetórias são atravessadas por práticas de opressão, silenciamento e submissão que limitam seu potencial emancipatório (Rosa et al., 2012). Os trechos de entrevistas apresentados a seguir evidenciam a construção de perfis de liderança associados ao campo STEM, historicamente não designados às mulheres.

BLOCO 1 — Liderança, gênero e descridibilização

Quando designadas a posições de liderança, os discursos das mulheres empreendedoras evidenciam estigmas de gênero (Sousa & Gomes, 2024) e a imposição de uma cobrança profissional ampliada, revelando assimetrias de poder que atravessam o reconhecimento feminino nesses espaços (Hryniewicz & Vianna, 2018).

geralmente se tem um lugar onde não necessariamente essa mulher precisa atuar como tomadora de decisão, como líder, como rosto de empresa, isso vai acontecer, infelizmente isso vai acontecer, a não ser que seja uma política da empresa que isso não aconteça, empresas que são lideradas por mulheres, empresas que já têm cultura de inclusão, porque quando não, essa é a grande realidade. (Beatriz).

às vezes, um homem que tem menos grau de escolaridade que eu, que não tem um trabalho tão reconhecido, por exemplo, aqui porque eu tive que fazer vários cursos, toda vez que eu vou pegar algum projeto, eu tenho que entregar vários diplomas (Gessica).

Além dos fatores relacionados a situações de subalternidades e de opressões, evidenciam-se ainda situações de injustiça, como, por exemplo, o julgo salarial. Conforme Bruschini (1994), apesar da relevância dos movimentos sociais, as mulheres permaneceram inseridas em contextos de baixo reconhecimento e remuneração. Mesmo diante das mudanças estruturais e sociais ocorridas ao longo do tempo, essas desigualdades seguem se reproduzindo.

eu tenho que entregar vários diplomas, e às vezes um homem, a mesma idade que eu, às vezes pelo fato só de ele ser homem ou falar que ele sabe, e simplesmente ninguém questiona nada, e ele ganha às vezes R\$ 500,00/ R\$ 600,00 em cima do meu trabalho e eu nunca posso colocar no nível dele, porque o mercado não paga. (Gessica).

A partir da Análise Crítica do Discurso, observa-se que os enunciados analisados produzem efeitos de verdade que naturalizam a associação entre liderança e padrões masculinos, ao mesmo tempo em que impõem às mulheres um regime de cobrança ampliada e permanente comprovação de competência. Esses discursos operam como práticas de sujeição, uma vez que deslocam as desigualdades estruturais para o plano individual, responsabilizando as mulheres por sua legitimação em espaços historicamente masculinizados. Assim, o reconhecimento feminino no campo STEM ocorre de forma tensionada e condicionada, revelando relações de poder que limitam o exercício pleno da liderança.

BLOCO 2 – Interseccionalidade: raça e etnia

Conforme Pedro (2005), a concepção do gênero como construção social e histórica evidenciou as assimetrias que estruturam as relações entre homens e mulheres. Nesse contexto, a interseccionalidade emerge como uma lente analítica fundamental ao explicitar a articulação entre raça, etnia, gênero, sexualidade e classe social na produção das desigualdades (Hirata, 2014; Collins, 2014).

É necessário considerar a mulher como um sujeito múltiplo, atravessado por diferentes e simultâneas formas de opressão e vulnerabilidade (Lugones, 2014; Espinosa-Miñoso, 2014). Essa compreensão emerge também no discurso de Ana, uma das mulheres entrevistadas, ao reconhecer que as experiências de desigualdade não se restringem ao gênero, mas se intensificam a partir de marcadores como a raça. Conforme relata: “Então assim, eu não sei dizer, porque eu não convivi, mas é... se eu passei dificuldades, eu acredito que uma mulher negra passaria muito mais, porque aí ela entra em outros tipos de problemas, não só pelo fato de ser mulher, né?”.

Olha, no empreender eu conheço apenas uma mulher negra que vende seu trabalho como tecnologia, ela é instrutora de uma linguagem até difícil de trabalhar até que é o Java, é uma linguagem assim... que se encontra até poucos homens trabalhando, e ela empreende isso (Gessica).

Portanto, com a perspectiva dessas diferenças existentes para as mulheres negras em um ambiente empreendedor, a pesquisa realizada por Rodrigues et al., (2021), afirma que os objetivos firmados pelas empreendedoras nesse processo, está em obter a independência e sua autorrealização. Contudo, conforme falas apresentadas durante as entrevistas, depreende-se que há

um perfil interseccional estigmatizado pela sociedade e pelas organizações para compor a parcela de empreendedores, bem como, líderes, os quais são representados pela figura do homem branco (Hryniewicz & Vianna, 2018).

Conforme a gente vai adentrando assim esses meios, **a gente vê cada vez menos diversidade (grifo nosso)**, isso infelizmente ainda é uma coisa muito comum, então conforme a gente vai, a gente entra no empreendedorismo, quem são os maiores empreendedores, né? São sempre os homens. (Jamile).

Se a gente pensar num cientista, a gente vai pensar num cientista branco, né? Porque essas pesquisas ainda, quando a gente fala de gênero, ainda... **o problema fica mais extenso quando a gente entra no quesito gênero e raça, né? (grifo nosso)** A gente não pensa numa mulher, e a gente não pensa numa mulher negra ou no homem negro, então a questão de raça também é muito, é... ela agrava mais a situação de quando a gente conversa sobre gênero, né? (Helena).

É notório o número reduzido de mulheres empreendedoras que estão inseridas em algumas das intersecções sinalizadas, apesar do volume de mulheres que já estão empreendendo, e ganhando destaque em suas áreas. Além disso, é visto que as mulheres negras e ou as provenientes dos povos originários ainda estão vistas em um empreender por necessidade, visando a sobrevivência (Ferretti & Souza, 2022).

Além das dificuldades inerentes às atividades empreendedoras, essas mulheres também perpassam outras dificuldades, como o processo de conciliação entre o trabalho e os cuidados relacionados à família (Winn, 2005; Dias et al., 2024). Conforme Alperstedt et al., (2014), as mulheres que intencionam sua opção profissional em carreiras direcionadas às áreas consideradas para o gênero masculino, estão suscetíveis à descredibilização em suas atividades. Esses fatores são agravados ao tratar-se de mulheres negras e ou pardas (Teixeira et al., 2021; Lugones, 2014; Espinosa-Miñoso, 2014), as quais sofrem consequências históricas, espelhadas por uma sociedade demarcada por diferenças (Balog & Zouain, 2022; Teixeira et al., 2021). Conforme os depoimentos a seguir que confirmam esses dados:

Toda vez que a gente tá pensando aí nesses recortes é muito difícil de encontrar interseccionalidade, em todos os lugares desse meio aí, isso é uma coisa que me deixa muito chateada, né? E lógico, porque é conforme a gente entra na interseccionalidade, a gente vai ficando cada vez mais para trás, né? A gente cada vez mais diminuída, a gente cada vez mais deixada. (Jamilé).

No estudo sobre interseccionalidade, outra camada de diferenciação é o aspecto étnico e ou cultural, por exemplo, de povos originários, que também perpassam por dificuldades e discriminações em sua atuação empreendedora (Crenshaw, 2002; Teixeira et al., 2021). Além disso, ressalta-se que o número de empreendedoras consideradas de outras etnias e culturas é notadamente baixo, conforme visualizado na busca por empreendedoras para a presente pesquisa, pode-se corroborar com isso nas falas a seguir:

Ah, fala da minha né? Eu sou, eu tenho descendência indígena. E assim é motivo de falar: É? Nossa você né? Como que você veio parar aqui? Então, é... dificilmente você vê uma negra, uma índia ocupando cargos mais importantes e quando isso acontece ela fica em destaque né? (Evelyn).

"Eu conheci a Lana Chan, ela estudou na USP, fez jornalismo... E aí ela falou que era muito difícil, porque além dela ser uma mulher asiática, ela é chinesa, né? Muitas pessoas, Ah, você tá louca vai criar uma empresa para empreender tecnologia, motivando outras pessoas a entrar na área de Tecnologia, dando curso, você não vai ganhar dinheiro, ela mesmo falou isso nas palestras dela, ela foi muito ridicularizada por conta disso." (Gessica).

Sob uma perspectiva interseccional, os discursos evidenciam que as desigualdades de gênero não se manifestam de forma homogênea, sendo agravadas por marcadores raciais e étnicos que intensificam processos de invisibilização e exclusão. A partir da ACD, percebe-se que esses enunciados produzem hierarquias sociais que posicionam mulheres negras, indígenas e racializadas em lugares de menor reconhecimento simbólico e material, ao mesmo tempo em que naturalizam sua ausência em posições de liderança. Trata-se de um regime discursivo que reforça a colonialidade do poder e do saber, limitando o acesso dessas mulheres a espaços de prestígio no campo empreendedor.

BLOCO 3 — Classe social e empreendedorismo de sobrevivência

Há também as problemáticas envolvidas na realidade das mulheres inseridas em classes sociais menos favorecidas, ao serem categorizadas como empreendedoras de sobrevivência (Ferretti & Souza, 2022), e não vistas em um empreender por vontade ou pela criação de uma ideia inovadora (Teixeira et al., 2021). Além disso, sua atuação empreendedora sofre com a desqualificação realizada pelo mercado (Almeida et al., 2021). Conforme falas a seguir:

então, é, por exemplo eu sou uma mulher que vem de uma classe social mais baixa, mas, eu tive muita sorte de ter passado em um instituto federal, e nesse campus que eu estudei, a gente tinha muito acesso a oportunidades, aí teve essa oportunidade para mulheres que me levou aonde eu estou hoje, **mas não foi a realidade de metade das meninas que moram no mesmo lugar que eu, na mesma rua que eu, pelo contrário, elas estão em lugares completamente diferentes (grifo nosso)**" (Beatriz).

Com uma leitura reflexiva baseada na interseccionalidade (Crenshaw, 2002) é possível perceber que inserido em um grupo – mulheres, existe ainda alguns subgrupos, os quais coexistem em cenários diversificados entre si, e com algumas semelhanças. Além disso, esse grupo em sua totalidade é um alvo constante de atos permeados por diferentes práticas de exclusão no ambiente empreendedor. Portanto, como maneira de enfrentar esses desafios, o empreendedorismo feminino decolonial figura como uma alternativa que promova uma consciência interseccional de resistência a esses atos opressores (Ribeiro & Ipiranga, 2019):

Eu acho que essa mulher que vem lá de baixo, ela consegue realmente ter um grau de resiliência muito grande, ela pode demorar mais a atingir o ponto, porque precisa de muitas coisas para amadurecimento profissional na área do empreendedorismo. (Fernanda).

A análise dos discursos revela que o empreendedorismo, longe de se configurar como uma escolha livre ou estratégia exclusivamente emancipatória, emerge frequentemente como alternativa de sobrevivência em contextos marcados por desigualdades de classe. Observa-se que

esses enunciados tendem a individualizar trajetórias de sucesso e resiliência, ocultando as restrições estruturais que atravessam as experiências das mulheres em situação de vulnerabilidade social. Desse modo, o discurso empreendedor contribui para a naturalização da precarização do trabalho feminino, especialmente em contextos periféricos.

BLOCO 4 — Política, colonialidade e naturalização discursiva

Questões políticas e econômicas emergem nas falas das entrevistas como elementos centrais para a compreensão de suas realidades (Cerchiaro et al., 2009). Sabe-se que desde o início da década de 1970, o gênero é alvo de estudo e há décadas surgem questionamentos sobre a perspectiva do gênero na sociedade e nas organizações (Tong, 1998). Nesse sentido, torna-se relevante compreender o empreendedorismo feminino a partir de uma perspectiva econômico-política, considerando as transformações históricas e sociais ocorridas ao longo do tempo.

A gente observa que tudo está ligado à política, né? O primeiro movimento sufragista, né? Antes do feminismo, ele foi o movimento político. O feminismo é um movimento político, não tem como a gente falar de empoderamento para essas pessoas se a gente não fala de sociedade. (Helena).

A gente sabe que a sociedade faz isso, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, na América Latina aqui a cultura entre homens e mulheres é totalmente diferente. (Fernanda).

Quando as questões econômicas e políticas de um país são abordadas e questionadas, surge o debate feminino decolonial em torno da discussão referente aos países considerados desenvolvidos e países considerados em desenvolvimento. Santos (2000) busca compreender as questões históricas que fundaram esse cenário de diferenças entre os países, nos levando à discussão também sobre as subalternidades, intencionadas por aqueles considerados desenvolvidos ante aos que estão em desenvolvimento (Quijano, 2005).

Um exemplo de uma sociedade que eu conheci tá, que foi a Suécia, que é uma sociedade bem feminista, né? Então, eu acho que aí é... então eles são um país mais velho, um país mais desenvolvido, mas também não é só questão de desenvolvimento econômico, é uma questão de também de sociedade né, de... de conceitos aí né? (Camila).

Eu, realmente, vejo isso sabe, o quanto é, eles valorizam mais o trabalho de uma mulher em países onde eles já entendem que ter mulheres em cargos de liderança, ter na verdade participação ativa feminina é uma coisa boa pra maior parte das empresas (Beatriz).

Outra discussão relacionada com questões feministas decoloniais (Quijano, 2005), a qual compete dizer que há uma maneira adequada e correta de conceber um pensamento, portanto, existe um pensamento imposto à sociedade. Podemos perceber esses traços nas entrevistas, quando as mulheres também normalizam e naturalizam determinadas práticas de opressão e subalternidades, conforme trechos:

Então dá para ter uma noção boa, a maioria é homem tá bom? Isso aí é uma realidade, não tem, até pelo meu pai mesmo, né? É eu não sei se, mas aí eu não sei se é por causa do viés do machismo, viu? Eu acredito que seja assim por segurança, porque trabalhar com os metais pesados é um pouco insalubre, entre aspas, né? (Camila).

Eu acho que, desde o início da minha carreira, eu tive dificuldades mesmo quando como executiva e analista em empresas. Eu acho que todas as pessoas têm na verdade, né? Então, assim cada um enfrenta o seu desafio então. (Débora).

Percebe-se posicionamentos divergentes sobre as mudanças que precisam acontecer para que as mulheres possam estar situadas em um cenário de igualdade com os homens. Grande parte das adversidades pairou em torno do discurso realizado pela sociedade, principalmente na voz dos homens (Cerchiaro et al., 2009; Paiva, 1997). De diferentes maneiras se evidenciam essas questões nos trechos de entrevistas.

Como qualquer outro, então homens e mulheres? Penso na sua capacidade, então acho que é 50/50, assim é em tudo aqui em casa, nós somos, os dois são provedores de renda, os dois têm opiniões políticas, então os dois cuidam dos filhos, talvez eu cuide um pouco mais, por essa nossa questão de ser mãe, mas ela é fundamental, é 50% do nosso papel. (Débora).

A gente nunca tá tranquilo, né? A gente tá menos desesperado ou mais desesperados em certas épocas, mas a gente nunca tá tranquila, porque hoje a gente usa saia, mas aqui 10 anos a gente pode estar sendo obrigada a usar burca, e sendo apedrejada na... na rua, por alguma coisa que nem existe, porque eles ainda aproveitam, não tem nada no Alcorão, por exemplo dizendo isso. (Helena).

Esse posicionamento imposto pela sociedade relacionado às diferenças interseccionais é uma realidade cotidiana para a mulher empreendedora (Ribeiro et al., 2024), a qual acaba naturalizando e reconhecendo os ambientes voltados para os homens (Alperstedt et al., 2014). Dessa forma, a mulher absorve pensamentos que limitam suas práticas, sobretudo profissionalmente. É pertinente considerar que são necessários reproduções de comportamentos que envolvem atos de rispidez, ao lidar com situações envoltas nessas problemáticas, portanto, a mulher sente que a sua “sobrevivência” nesse espaço carece de respostas mais enfáticas e firmes, bem como, amenizar a situação, conforme relatado pela entrevistada:

Eu não vou escolher nunca o caminho do mal, eu vou escolher sempre melhor, e aí eu não sentia essa dificuldade que a maioria das mulheres sempre com relação a diferença de gênero porque eu realmente quis entrar num outro num outro viés e sempre deu muito certo. (Fernanda).

As teorias feministas são abordagens que podem, em um processo de proporcionar voz às mulheres, tentar atenuar as diferenças impostas pela sociedade (Cerchiaro et al., 2009; Espinosa-Miñoso, 2014). No processo de entrevista ao questionar sobre as diferenças na vivência prática entre homens e mulheres, uma das empreendedoras relatou que:

Existe ainda uma diferença, ainda mais assim nessa faixa etária que a gente...que eu estou, geralmente até mesmo o pessoal fala: ah, vamos te pagar menos, sempre tem alguma desculpa, nunca ... porque você pode engravidar, pode abandonar o projeto ou porque a mulher mesmo. (Gessica).

Ao considerarmos a diferença econômica, envolvendo a questão salarial até às outras imposições financeiras e econômicas, as mulheres ainda podem visualizar um caminho de possibilidades e soluções, convergente com o pensamento de Espinosa-Miñoso (2014). Nesse sentido, podemos vislumbrar possíveis caminhos, conforme a visão das mulheres empreendedoras entrevistadas:

É eu acho que é da mais voz mesmo, né? Eu sou muito tímida, então fazer um... redes sociais para mim não é fácil, principalmente ser a todo momento avaliado ali por pessoas. Então..., mas eu acredito que isso é extremamente necessário, porque eu nasci numa família de mulheres fortes, então para mim nunca foi empecilho ser mulher. (Ingrid).

Acho que primeiro é... é.... como eu posso dizer, é fugir das classificações, né? A gente, às vezes, rotula o que se espera por ser menino por ser menina, né? A gente rotula desde pequeno os comportamentos [...] E... e começar a mudar na educação dos meninos (Ana).

Dado isso, torna-se relevante a atuação de iniciativas de políticas públicas e demais movimentos e grupos de apoio de diferentes organizações, pois estes podem propiciar espaços de interações entre as mulheres e suas experiências, bem como, prestar apoio e orientações quanto à atividade organização da atividade empreendedora (Gupta, 2021) e apoio financeiro, emocional e educacional (Balog & Zouain, 2022).

Então, eu participo de coletivos voltados para mulheres e para pessoas negras, desde que eu entrei, porque eu precisava encontrar força em algum lugar (grifo nosso), porque é muito difícil a gente começar a empreender, a gente começar a trabalhar, e sempre tá ali sendo jogada para baixo, sabe? (Jamile).

Quando eu fui abrir o meu espaço, tinha um grupo de mulheres empreendedoras, então é... eu comecei me inserindo no ambiente, que... que uma ajuda a outra né? Uma compartilha a ideia com a outra, eu lembro que isso me ajudou bastante nos primeiros seis meses (Ana).

Os discursos analisados evidenciam que as experiências das mulheres empreendedoras estão profundamente imbricadas em contextos políticos, econômicos e históricos marcados pela colonialidade. Percebe-se que a naturalização das desigualdades de gênero ocorre por meio de enunciados que relativizam a opressão e a apresentam como parte da ordem social vigente. Esse processo discursivo contribui para a reprodução de relações de poder assimétricas, ao mesmo tempo em que limita a emergência de posicionamentos críticos e coletivos. Assim, o empreendedorismo feminino é tensionado enquanto prática atravessada por contradições, resistências e processos de sujeição.

O estudo sobre gênero, sobretudo, o do gênero feminino, bem como o estudo de outras problemáticas sociais e organizacionais, como a da performance empreendedora, nos quais se manifestam dimensões interseccionais quase sempre ocultas, devem ser constantemente refletidas no contexto da Administração (Santos et al., 2021). De acordo com Mafrá (2021), o debate que trata da desigualdade no aspecto dos diferentes gêneros é um debate político, portanto, o posicionamento neutro da comunidade científica possibilita uma naturalização dessas diferenças. Dado isso, indica-se a relevância de novos estudos organizacionais sobre o gênero, os quais suscitam pautas, em particular, sobre as questões femininas, com base nas diferenças interseccionais e decoloniais. Esses achados reforçam a necessidade de repensar o empreendedorismo feminino não apenas como estratégia econômica, mas como fenômeno político e discursivo, o que será retomado na seção final do artigo.

Conclusões e recomendações

Este estudo teve como objetivo analisar os discursos de mulheres empreendedoras atuantes no campo STEM, no contexto da comunidade *WoMakersCode*, à luz da teoria feminista decolonial e da interseccionalidade, por meio da Análise Crítica do Discurso. Os resultados indicam que essas narrativas são atravessadas por desigualdades estruturais de gênero, raça e classe, evidenciando que o empreendedorismo, embora frequentemente apresentado como via de reconhecimento e autonomia, permanece marcado por processos de naturalização das opressões, ao mesmo tempo em que se configura como um espaço ambíguo de resistência.

Da análise depreende-se desafios atribuídos à mulher empreendedora, como o baixo reconhecimento profissional, baixa valorização do seu trabalho, diferenças salariais e dificuldades no processo de conciliação entre as jornadas no trabalho e as jornadas dedicadas ao cuidado com o lar e a família. Evidenciou-se, também, a relevância do movimento feminista na trajetória empreendedora, no sentido das contribuições ao percurso da mulher que empreende com o surgimento dos questionamentos visibilizados por esses movimentos.

A identificação da mulher em um cenário de paridade ao homem, por sua vez, é analisada como uma negação quanto a essas diferenças interseccionais que são impostas. É visto que a busca por uma possível emancipação também pode perpassar o caminho da negação das diferenças entre os homens e mulheres no contexto social e empreendedor.

Desde os avanços do feminismo, sobretudo, o decolonial, debatido com base nas dimensões propostas pela interseccionalidade, desafios adicionais foram colocados, levantando reflexões ao campo do ideário da igualdade, apresentada por (Lugones, 2014), em que se supõe o exercício de compreender o ser em dinâmicas sociais classificatórias, ou a colonialidade do ser, ante à tensão do ser mulher-homem-empendedor. A tensão, expressa em alguns fragmentos das entrevistas, também é negada, ante à lógica da igualdade. Nesse sentido, é preciso ir da colonialidade do ser ao próprio ser, em sua gama de possibilidade de ser, no caminho de problematizar discussões naturalizadas sobre o ser mulher empreendedora em que a resistência emerge no campo restrito do gênero.

A reprodução dos considerados padrões impostos pela colonialidade do ser são realçados nos discursos, ao evidenciar o tom de naturalização, dessa forma, o agir com firmeza destaca-se como uma maneira de sobressair a essas diferenças, que são fragilizantes ao processo de autonomia feminina. O processo de resistir pode emergir ao intensificar em seus discursos a problematização e seu debate, bem como uma postura simulada da realidade.

A pesquisa buscou contribuir ao articular o empreendedorismo feminino decolonial e suas práticas voltadas à emancipação das mulheres. Foram abordadas algumas questões, tais como as desigualdades socialmente impostas, a interseccionalidade de gênero, raça e classe, o papel das redes de apoio femininas e a influência dos aspectos econômicos e políticos no empreendedorismo feminino em contextos decoloniais.

Os discursos analisados evidenciam, ainda, a naturalização de padrões impostos pela colonialidade, nos quais o agir com firmeza e a intensificação da resiliência individual aparecem como estratégias para lidar com contextos excludentes. Embora as redes de apoio femininas se configurem como espaços de articulação política e produção de crítica, o estudo aponta para o risco de que novas formas de reconhecimento também engendrem processos de naturalização e exclusão. Os resultados indicam que o empreendedorismo feminino, embora frequentemente apresentado como via de reconhecimento e autonomia, permanece atravessado por desigualdades estruturais de gênero, raça e classe, além de processos de naturalização e individualização das opressões. Conclui-se que o empreendedorismo deve ser compreendido como um fenômeno político e discursivo, cujos limites como estratégia de emancipação exigem abordagens críticas nos estudos organizacionais.

Referências

- Abdalla, M. M., & Faria, A. (2017). Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. *Cadernos Ebape.br*, 15, 914-929.
- Almeida, E. L., Dias, P. K., & Santos, E. C. (2021). Desafios de empreendedoras na economia criativa periférica: um olhar interseccional. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 15(1), 122-146.
- Alperstedt, G. D., Ferreira, J. B., & Serafim, M. C. (2014). Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, 16(40), 221-234.
- Balog, D. L. T., & Zouain, D. M. (2022). Mulheres empreendedoras sociais pretas no Rio: Impactos pós-pandemia. In *ENANPAD 2022, Brasília. Anais...* Brasília: Anpad.
- Barreto, L., Messeder, S., & Gil, J. (2022). Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específicas. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas*, 7(2), 142-167.
- Battirola, L. C., de Oliveira Setti, G., Linares, D. R., de Almeida, B. S., Uliana, M. P., & Gonçalves, C. D. C. S. (2022). Paridade de gênero na ciência: uma análise da participação das mulheres na Argentina, no Brasil e no Paraguai. *Revista Virtual de Química*, 14(2).
- Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R. (2019). Introdução: decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*, 2, 9-26.
- British Council (2021). *Uma equação desequilibrada: aumentar a participação das mulheres na STEM na LAC*. <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/policypapers-cilac-gender-pt.pdf>
- Bruschini, C. (1994). O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. *Estudos Feministas*, 2, 179-224.

- Calás, M. B., & Smircich, L. (1999). Do ponto de vista da mulher: abordagens feministas em estudos organizacionais. *Handbook de estudos organizacionais*, 1, 275-329.
- Cerchiaro, I., Ayrosa, E. A. T., & Zouain, D. M. (2009). A aplicação de abordagens feministas na pesquisa em administração. *Cadernos Ebape.br*, 7, 649-664.
- Collins, P. H. (2014). Intersectionality: a knowledge project for a decolonizing world. *Comunicação ao colóquio internacional Intersectionnalité et Colonialité: Débats Contemporains*, Université Paris Diderot, 28.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10, 171-188.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2011). *The sage handbook of qualitative research*. London: SAGE Publications, Ltd.
- Dias, R. D. S. A., Rosa, P. S., Neckel, A., Dalla Corte, V. F., Mores, G., & Dal Moro, L. (2024). Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades em tempos de crise. *Revista de Gestão e Secretariado*, 15(9), e3950-e3950.
- Dimenstein, M., Silva, G. D. N. E., Dantas, C., Macedo, J. P., Leite, J. F., & Alves Filho, A. (2020). Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano. *Revista Estudos Feministas*, 28(3), e61905.
- Espinosa-Miñoso, Y. (2014). Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. *El Cotidiano*, 184, 7-12.
- Fabricio, J. D. S., & Vizeu, F. (2024). Por uma ressignificação do empreendedorismo feminino a partir de três visões filosóficas sobre o gênero e poder. *REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, 13(3), e2347.
- Fairclough, I., & Fairclough, N. (2013). *Political discourse analysis: a method for advanced students*.
- Fairclough, N. (2013). *Critical discourse analysis: the critical study of language*. Routledge.
- Fairclough, N., & Fairclough, I. (2018). A procedural approach to ethical critique in CDA. *Critical Discourse Studies*, 15(2), 169-185.
- Fairclough, N. (2019). Discurso e a mudança social. *Brasília: Universidade de Brasília*.
- Ferrara, J. A., & Carrizo, S. L. (2021). Caminhos para um feminismo decolonial. *Cadernos Pagu*, 62, e216229.
- Ferraz, J. de M. (2021). *Para além da prática empreendedora no capitalismo brasileiro*. Actual.
- Ferretti, A. S. Z., & Souza, E. M. (2022). Teoria queer e os discursos sobre empreendedorismo: desigualdades de gênero e alternativas de análise a partir do entrepreneuring. *Cadernos Ebape.br*, 20, 276-288.
- Flyvbjerg, B. (2011). Case Study. In Denzin, N. K., & Lincoln Y. S. (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*. London: SAGE Publications, Ltd.
- Garcia, C. C. (2018). *Breve história do feminismo* (Vol. 1). Claridade.
- Global Entrepreneurship Monitor (GEM). (2021). *Women's entrepreneurship 2020/21 Thriving Through Crisis*. <https://www.gemconsortium.org/reports/womens-entrepreneurship>

- Global Entrepreneurship Monitor (GEM). (2024). *Women's Entrepreneurship Report: Reshaping Economies and Communities*. <https://www.gemconsortium.org/reports/womens-entrepreneurship>
- Godoi, C. K. (Org.), Bandeira de Mello, R., & Silva, A. B. (Org.). (2017). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. Saraiva Educação SA.
- Gupta, M. (2021). Role of NGOs in women empowerment: case studies from Uttarakhand, India. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, 15(1), 26-41.
- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26, 61-73.
- Hryniewicz, L. G. C., & Vianna, M. A. (2018). Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais. *Cadernos Ebape.br*, 16, 331-344.
- IBGE (2020). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios PNAD COVID-19*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101763.pdf>.
- Kyrillos, G. M. (2020). Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. *Revista Estudos Feministas*, 28, e56509.
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 22, 935-952.
- Mafrá, F. L. N. (2021). Colonialidade de gênero no campo científico e a urgência de viajar entre mundos. In *Encontro da ANPAD*. 45. Anais. Online.
- Nogueira, V. B., & Paiva, I. L. (2020). Redes femininas de apoio nas ciências exatas: por que tão necessárias? *Scias - Educação, Comunicação e Tecnologia*, 2(2), 175-190.
- Olesen, V. (2011). Feminist qualitative research in the millennium's first decade: developments, challenges, prospects. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*. London: SAGE Publications, Ltd.
- Organização Internacional do Trabalho (OIT). (2021). *Business case – perspectivas de gênero e inclusão nas empresas: impactos financeiros e não financeiros*. <https://www.onumulheres.org.br/tag/organizacao-internacional-do-trabalho-oit/>.
- Paiva, M. S. (1997). Teoria feminista: o desafio de tornar-se um paradigma. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 50, 517-524.
- Pedro, J. M. (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História (São Paulo)*, 24, 77-98.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In Lander, E. (Org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 107-30.
- Rampton, M. (2015). Four waves of feminism. *Pacific University Oregon*, 25, 1-10.
- Ribeiro, R. C. L., & Ipiranga, A. S. R. (2019). Empreendedorismo de resistência enquanto prática: um modelo conceitual. In *Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração*, 43, São Paulo, Brasil.

- Ribeiro, S. L. S., Paula, W. V., & Santos, N. (2024). Identidades e interseccionalidades no afroempreendedorismo. *Revista InterAção*, 15(3), e88431-e88431.
- Rodrigues, A. S. M., Gaspar, L. C. S., Rodrigues, D. R., & da Gama Afonso, H. C. A. (2021). Fatores Críticos Relacionados ao Empreendedorismo Feminino. *Espacio Abierto: Cuaderno Venezolano de Sociología*, 30(1), 75-96.
- Rodrigues, C. de O., Lopes, M. L. B., & Santos, M. A. S. (2022). Empreendedorismo feminino e agricultura: uma revisão sistemática da literatura. *Research, Society and Development*, 11(3), e42111326741.
- Romero, M., & Valdez, Z. (2016). Introduction to the special issue: intersectionality and entrepreneurship. *Ethnic and Racial Studies*, 39(9), 1553-1565.
- Rosa, A. R., Medeiros, C. R. D. O., & Valadão Júnior, V. M. (2012). Sob as sombras do discurso colonial: Subalternidade e configurações de gênero em uma lavanderia do interior de Minas Gerais. *Cadernos Ebape.BR*, 10, 393-410.
- Sá Sousa, I. P., de Almeida Bizarria, F. P., Moreira, M. Z., de Oliveira, H. C., & Silva, A. M. S. (2025). Empreendedorismo social feminino na perspectiva de She Started It com suporte em leituras críticas decoloniais. *Revista Mosaico*, 16(1), 247-262.
- Sanders, M. (2009). STEM, STEM education, STEMmania. *Technology and Engineering Teacher*, 68(4), 20.
- Santos, E. C., Moraes, A. F. G. de, Pereira, A. M. B. A., & Dias, P. K. (2021). Questões de gênero no cotidiano da academia em administração. In *EnANPAD 2021* (Online).
- Santos, T. (2000). O debate sobre a dependência. In *Teoria da dependência: Balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sebrae (2021). *Empreendedorismo feminino no Brasil*. https://www.sebraepr.com.br/wp-content/uploads/Empreendedorismo-Feminino-ate-III-trim_2020.pdf?srltid=AfmBOoqu5YphPUf5jK7oAnwQiRhndBz485awv_d5VGs-OiMXIF7Isyb.
- Silva, G. F., Bizarria, F. P. A., Ipiranga, A. S. R., & Barbosa, F. L. S. (2023). Women's experiences in entrepreneurship of "non" resistance in light of Decolonial Theory. *Contextus—Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 21, 1-13.
- Silva, G. R. D. (2019). Feminismo e trabalho: porque as mulheres continuam ganhando menos que os homens? *Revista Húmus*, 9(26).
- Sousa, F., & Gomes, T. G. O. (2024). Reflexões sobre a Teoria da Reprodução Social e a inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro. *Revista Ciências do Trabalho*, (26).
- Teixeira, J. C., Oliveira, J. S. D., Diniz, A., & Marcondes, M. M. (2021). Inclusão e diversidade na administração: Manifesta para o futuro-presente. *Revista de Administração de Empresas*, 61(3), 1-11.
- Tong, R. P. (1998). *Feminist thought: a more comprehensive introduction*. Routledge.
- Van Dijk, T. A. (2015). Critical discourse analysis. In D. Tannen, H. E. Hamilton, & D. Schiffrin (Eds.) *The handbook of discourse analysis* (2nd ed), 466-485.
- Veiga, H. M. S., de Melo, K. B., de Sousa Araújo, R., & Tavares, M. C. (2024). Barreiras e vieses cognitivos enfrentados por empreendedoras negras: um estudo teórico. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 10.

Winn, J. (2005). Women entrepreneurs: Can we remove the barriers? *The International Entrepreneurship and Management Journal*, 1(3), 381-397.

Womakerscode (2023). *Empoderar é o primeiro passo para novas revoluções. Juntas, somos mais mulheres na tecnologia*. <https://www.womakerscode.org/>.

Zanata, N. C. M., de Melo, K. B., Squilassi, I. B., & da Silva Veiga, H. M. (2025). Empreendedorismo feminino em situações de vulnerabilidade social: ensaio teórico. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 11.